

CCSP: AS DIFERENTES FACES DE UM ESPAÇO ORGÂNICO

Caio Ferreira¹

Resumo

Este artigo pretende estudar e analisar as possíveis relações que os frequentadores do Centro Cultural São Paulo podem ter com este espaço. Para tanto, foram utilizadas desde referenciais teóricos acerca do assunto, como visitas de campo e até mesmo entrevistas com pessoas encontradas naquele local, a fim de tentar entender os diversos motivos que as levam a este espaço tão dinâmico. Assim, por mais diversas que sejam as atividades praticadas no CCSP, a relação das pessoas estudadas com aquele ambiente tinham certa congruência: acolhimento e pertencimento.

Palavras-chave: Centro Cultural São Paulo, Relação, Espaço Orgânico, Ensaio Etnográfico.

Abstract

This article intends to study and analyze the possible relations that the Centro Cultural São Paulo visitors may have with this space. For that, theoretical references on the subject were used, such as field visits and even interviews with people found in that place, in an attempt to understand the various reasons that lead them to that dynamic space. Thus, as diverse as the activities practiced at CCSP, the relationship of the people studied with the environment had a certain congruence: reception and belonging.

Keywords: Centro Cultural São Paulo, Relationship, Organic Space, Ethnographic Essay.

¹ Universidade Federal do ABC. E-mail: caio_ferreira100@hotmail.com.

Introdução

No presente artigo, busco expor a tentativa de entender como se dá a relação entre as pessoas e um ambiente totalmente orgânico - pois parece possuir vida própria com mudanças constantes - e intensamente frequentado. O caso apresentado é do Centro Cultural São Paulo, no qual foram utilizados referenciais teóricos, pesquisa de campo, uma análise histórica do próprio local e entrevistas.

Utilizando conceitos cunhados por José Guilherme Cantor Magnani, percebe-se que um mesmo local pode facilmente adotar mais de uma definição, afirmando seu caráter complexo e diversificado. Portanto o trabalho será guiado a fim de responder uma única questão, que inevitavelmente acabou se fragmentando em várias: Qual é a relação entre as pessoas que utilizam aquele espaço e o próprio CCSP?

Procurou-se, assim, entender os motivos que levam as pessoas a utilizar aquele ambiente, visto que a diversidade de pessoas lá presentes e de atividades lá praticadas é de enorme riqueza.

A escolha do campo

Os motivos de ter escolhido esse campo são tão ricos quanto a diversidade de pessoas e atividades lá encontradas, e este foi justamente o maior deles. Fui impulsionado por uma certa curiosidade em entender o que leva as pessoas a frequentarem aquele ambiente, já que vemos pessoas das mais variadas idades, gostos, aparências, gêneros, localidades - muitos nem moram na região - praticando diversos tipos de atividades, como danças, estudo, reuniões profissionais ou até mesmo casuais, entre outras. Além dos fatores expostos, vi a oportunidade de ter uma outra perspectiva daquele espaço, já que costumava frequentar o CCSP antigamente. Na época, utilizava o Centro Cultural principalmente para a realização do trabalho de conclusão de curso (TCC), assim, quando me recordava daquele ambiente um sentimento de pressão surgia. No entanto encontrei na presente oportunidade a chance de entender aquele campo como um observador, tendo agora uma visão de fora, não mais enviesada.

O Centro Cultural São Paulo

O CCSP é um centro cultural, inaugurado em 13 de maio de 1982, em um espaço que antes era um terreno cedido para a prefeitura. Desde sua idealização, tinha como objetivo ser um espaço que facilitasse o contato das pessoas com as diversas atividades que o local se

dispunha a oferecer: biblioteca pública, cinema, teatro, espaço para recitais, exposições, concertos e simplesmente uma área livre para o uso público. Possui uma arquitetura moderna, com enormes espaços abertos e uma atmosfera tranquila e amigável, contando com um jardim suspenso no piso superior, agradando, assim, qualquer pessoa que estivesse a procura dos mais variados tipos de atividade, sendo também palco de visitas turísticas, excursões escolares ou até mesmo um local para descanso momentâneo.

Nesse campo orgânico tão complexo, pude perceber suas diversas faces, simplesmente observando o local e as diferentes “tribos” que o frequentam. Utilizando dos conceitos cunhados por José Magnani, podemos notar a presença das cinco categorias de análise “socioespacial”, sendo elas pedaço, mancha, trajeto, pórticos e circuito (MAGNANI, 2002).

Pedaços são encontrados quando vemos, por exemplo, grupos de estudos, reuniões formais - e até mesmo informais -, cujos participantes não estão abertos a inclusão de pessoas de fora; eles já possuem suas tradições, seus gostos mútuos e suas simbologias. Enquanto isso, manchas são personificadas, usualmente, em grupos voltados ao lazer, como grupos de dança, grupos praticando algum esporte ou jogando algum jogo, abertos a pessoas “estranhas”, com um grau de inclusão e mistura muito maior, ainda que dentro das manchas possa haver pedaços.

Os trajetos são, também, facilmente vistos nesse campo, quando grupos de pessoas utilizam o espaço para transitarem, seja para “cortar caminho” ou simplesmente fugir do calor em dias ensolarados. Normalmente esta categoria configura o espaço central do CCSP, uma área relativamente grande, aberta e pouco ocupada, por onde as pessoas fazem seus deslocamentos repentinos. Sendo assim, do mesmo modo, há a presença de pórticos, que são espaços vazios na paisagem, a “terra de ninguém”, geralmente frequentado por figuras marginalizadas, sendo, muitas vezes, entendido também como um local até mesmo perigoso; neste caso estamos falando do entorno do Centro Cultural, onde há a ocorrência de moradores de rua e indivíduos liminares à sociedade.

Por fim, os circuitos não se fazem ausentes. São muitas vezes mesclados com as manchas, em grupos de dança que se utilizam dos vidros espelhados para treinarem e acertarem suas coreografias, ou grupos de estudos e “pessoas de negócio” que abrem seus livros - alguns até emprestados da biblioteca pública do CCSP -, pastas, documentos, nas mesas dispostas dentro e ao redor da própria biblioteca.

A presença de todos esses elementos em um mesmo ambiente denotam a complexidade e diversidade do campo, principal motivo que, novamente, me motivou a analisá-lo e elaborar este ensaio etnográfico.

O mesmo campo com outros olhos

Em minha primeira visita ao campo, decidi ir apenas como observador, sem muitas interações com os sujeitos ali presentes, a fim de realmente sentir e analisar como se dá aquele espaço com os olhos de quem um dia frequentou aquele lugar, porém com pretensões totalmente diferentes das atuais.

Fiquei ali por uma tarde inteira, o suficiente para percorrer toda aquela área, porém sabendo que da próxima vez que estivesse ali, muitos elementos estariam diferentes. Nesse primeiro momento, não encontrei grupos de dança. Apenas uma biblioteca fechada, resultado de uma aparente greve, o que fez com que os arredores daquele local se enchesse de estudantes (que foram impossibilitados de utilizá-la). Decidi, então, me sentar nas imediações e tornei a observar tais grupos por um longo instante, uns mais sérios e quietos, outros mais dispersos, e foi a partir desse momento que passei a ter uma leve sensação do que poderia levar as pessoas a frequentarem aquele local.

Tratava-se de um ambiente que exalava tranquilidade. Tive a sensação de liberdade e pertencimento, já que as pessoas poderiam ser elas mesmas, sem medo de julgamento, já que o lugar era quieto e ao mesmo tempo agitado. Com adolescentes, adultos, idosos; pessoas com um semblante mais sério, outras mais despojadas; era uma explosão de opostos todos misturados, agregando quem estivesse disposto a ser agregado, simples assim.

Com essa experiência, consegui o que queria nesse primeiro momento: ter um entendimento, uma visão do Centro Cultural São Paulo com olhos diferentes daqueles que costumavam vê-lo como um lugar que trazia consigo a pressão de um desenvolvimento de TCC. Consegui ter a perspectiva de quem apenas o observa, dando importância para os detalhes que passam despercebidos no dia-a-dia, e assim se consolidou meu objetivo: buscar entender se a relação que as outras pessoas têm com aquele campo era, de alguma forma, parecida com as que eu senti ou se eu descobriria sentimentos mais excêntricos ainda.

As diferentes faces são tão diferentes assim?

Em busca das minhas respostas, acabei realizando entrevistas com algumas das pessoas que encontrei no CCSP, entrevistas estas que foram feitas conjuntamente com uma colega. Assim sendo, conversamos tanto com pessoas mais novas, as quais muitas utilizavam o espaço para dançar, por exemplo, como com pessoas um pouco mais velhas que estavam estudando, para no fim poder comparar os diferentes pontos de vista, se é que eles fossem diferentes mesmo - nesse primeiro momento tudo era uma incógnita, não sabíamos o que iríamos ouvir.

Assim, no segundo dia de visita ao campo, elaboramos algumas perguntas para nortear a conversa e fomos desbravando o espaço a procura de alguém disposto a nos ajudar. Depois de alguns minutos procurando, decidimos abordar um grupo de três adolescentes que dançavam ao som de k-pop (música pop coreana). Os três (duas garotas e um garoto, entre 17 e 19 anos) nos disseram que moravam na região, então não estavam tão longe de casa. A Alice (darei nomes fictícios para preservar suas identidades) estuda no Etapa, enquanto a Roberta e o Jorge estão no ensino médio de outro colégio das redondezas, o que já nos despertou a curiosidade sobre eles se conhecerem: será que mesmo estudando em lugares diferentes eles já se conheciam?

Eis que recebemos a resposta para essa pergunta. Jorge e Roberta já se conheciam do colégio e tinham ido para o CCSP com o intuito de estudar, porém, após algum tempo estudando decidiram colocar uma música para descontrair, e foi quando Jorge começou a dançar. Por outro lado, Alice, que tinha ido estudar sozinha, ouviu a música e viu Jorge dançando. Se sentiu contagiada e acabou se juntando aos dois adolescentes, começando naquele instante a amizade, uma iniciativa bastante espontânea, o que exemplifica claramente uma das muitas manchas que existem naquele espaço.

Ainda assim, diante desse caso, achamos interessante um comentário da Roberta, que disse que os dois amigos não costumam se enturmar com facilidade com pessoas desconhecidas, apresentando um comportamento de pedaço, no entanto algo em Alice fez com que Roberta se sentisse confortável com essa situação, aceitando a garota no seu grupo. Esse cenário nos fez perceber que as relações interpessoais naquele espaço podem ser mais complexas e surpreendentes do que imaginamos. Quanto à escolha do ambiente, a resposta foi bem parecida para os três: eles escolheram aquele espaço (tanto para dançar quanto para estudar), pois é um ambiente tranquilo, calmo, acolhedor e livre de preconceitos. Esse último motivo em especial me surpreendeu bastante, pois era algo que no primeiro dia eu havia

sentido, mas sinceramente não esperava que fosse algo real e tão evidente assim, o que me abriu ainda mais os olhos para aquele espaço democrático.

Passando agora para outro “nicho”, entrevistamos algumas pessoas que estavam ali exclusivamente para estudar, caracterizando um viés mais formal de atividade, podendo fazer com que as respostas se diferissem das primeiras. Indo diretamente para os casos em que obtivemos sucesso na concessão da entrevista, começarei contando o caso da Beatriz, que estava sozinha, debruçada sobre seu livro de anatomia em uma mesa mais reservada, o que de início nos deixou um tanto receosos, pois achávamos que o comportamento dela era proposital para justamente dizer a terceiros que ela “está ocupada e concentrada”, o que, na verdade, apenas despertou ainda mais nossa vontade de entender a relação dela com aquele ambiente.

Para nossa surpresa, Beatriz, abertamente, se dispôs a compartilhar sua história e sentimentos conosco. Uma garota um pouco mais velha (beirando seus 23 anos), que mora na região de Interlagos e estuda na Mooca. Essa disparidade entre as localidades nos chamou a atenção, e quando perguntada sobre essa questão, nos explicou que mesmo morando e estudando longe, parou no CCSP para estudar pois era caminho de volta da faculdade para casa, então todo dia ela passava por ali mas não conhecia o espaço. Nesse momento descobrimos que era sua primeira visita ao Centro Cultural, que foi escolhido por ela por, novamente, possuir uma tranquilidade contagiante, um silêncio que favorece a produtividade e por ser um ambiente que, diferente da própria faculdade, não possui um ar de competitividade e pressão, tornando o estudo mais prazeroso. Estava, portanto, gostando da experiência até então, se mostrando cada vez mais disposta a repetir a atividade.

Não tomamos muito do seu precioso tempo de estudo e encerramos as perguntas. Logo após termos terminado de conversar com Beatriz, nos deparamos com uma jovem sentada ao lado de uma senhora, aparentemente esperando algo ou alguém e decidimos, assim, aproveitar a oportunidade e falar com elas, sem saber o que esperar, afinal não estavam praticando atividade alguma.

Com a conversa descobrimos que eram avó e neta, mais especificamente Miriam (por volta de 70 anos) e Lorena (com seus 12 para 13 anos). As duas moravam na Penha e costumavam vir para o CCSP pois a neta conheceu, pela internet, uma professora de inglês que ministrava aulas particulares naquele espaço. Começaram a frequentar o local há um mês e até então não conheciam o Centro Cultural, que conseqüentemente foi escolhido pela própria professora. Perguntamos para Lorena os possíveis motivos de a professora ter

escolhido aquele espaço para ser seu palco de ensino, e recebemos respostas que iam ao encontro das já recebidas anteriormente: talvez por ser um espaço calmo, tranquilo, silencioso, favorável ao estudo. Não nos esquecendo de Miriam, perguntamos o que ela costuma fazer enquanto esperava sua neta, e novamente os aspectos comuns apareceram: gosta de aproveitar o espaço e sua tranquilidade, passeando por todos seus quatro cantos, admirando as exposições transitórias e as mais diversas atividades que se acaba encontrando.

Conclusão

Qual a relação entre as pessoas e um possível espaço orgânico? Tomando como exemplo de campo o CCSP, acabei descobrindo que independente da diversidade encontrada ali dentro, os motivos centrais não se diferem tanto, refutando minha hipótese inicial. Para todos os que foram ouvidos, aquele espaço transmite um sentimento de acolhida, pertencimento, liberdade, de poder ser quem é sem medo de julgamentos e preconceito. Para que assim todos possam exercer seus mais variados tipos de atividades, fazendo com que o objetivo do próprio Centro Cultural, quando no seu processo de idealização, fosse alcançado. Permitiu que as pessoas que utilizam aquele espaço mantivessem contato com o que foram buscar, desde instrumentos para estudo ou lazer, um ambiente sereno e calmo para espairar ou simplesmente uma rota de fuga para se proteger das intempéries.

Portanto, pude entender que, nesse campo - pelo menos levando em consideração as amostras entrevistadas - os opostos foram atraídos, porém não entre eles como já diria o ditado, mas por um local comum, capaz de satisfazer o desejo das mais variadas pessoas e grupos. As diferentes faces do Centro Cultural estariam reunidas em um só lugar, buscando, cada um à sua maneira, sensações de conforto similares que muitas vezes faltam no locus diário dessas pessoas, evidenciando o caráter acolhedor de um espaço orgânico mutável.

Anexo

“Como em todas as grandes cidades, gosto de filmar no metrô. Olho para todas aquelas pessoas com pressa que quase correm, sem saber de onde elas vieram e para onde elas estão indo. É o destino que cruza sem se ver... JFR”. Essa é a legenda da obra abaixo retratada, presente em uma das exposições do CCSP, que acaba, talvez sem querer, descrevendo consideravelmente o “nicho” representado pelo CCSP como um todo. Essa obra trata de alguns “Hipervídeos” temáticos, que consistem em um conjunto de câmeras espalhadas em um local escolhido estrategicamente a fim de entender o fluxo e a

movimentação daquele ambiente. Na obra ao lado, chamada “Hipervídeo Metrô” (2017), as câmeras foram colocadas em uma estação de metrô, porém a legenda e a descrição do fluxo daquele ambiente pode facilmente ser trazido para o Centro Cultural, onde, ainda que não seja um ambiente de trajeto tão intenso quanto uma estação de metrô, portanto salvo suas proporcionalidades, diversos destinos, dos mais diferentes possíveis, se cruzam sem que se encontrem de fato, apenas buscando o que lhes falta.



Fonte: do autor

Referências Bibliográficas

História - Centro Cultural São Paulo. Disponível em:
<<http://centrocultural.sp.gov.br/site/institucional/historia/>>. Acesso em: 23/04/2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun, 2002.